



Nos anos agrícolas de 1979 e 1980, em solo Aluvial Argiloso Eutrófico, no Colégio Agrícola de Rive, município de Alegre (ES), foram realizados dois ensaios para determinar as épocas apropriadas de plantio e de colheita de aveia forrageira (*Avena strigosa* L.). Testaram-se quatro épocas de plantio (15.04, 30.04, 15.05 e 30.05) e três épocas de corte (45, 60 e 75 dias após a semeadura), sendo que, no ano de 1980, a primeira época de plantio não foi testada. Os cortes posteriores ao primeiro, foram realizados em intervalos de 28 dias. O delineamento utilizado foi o de blocos casualizados com 3 repetições (1979) e 4 repetições (1980), distribuídos num fatorial 4 x 3 (1979) e 3 x 3 (1980). A adubação (40 kg/ha de P₂O₅ e 20 kg/ha de K₂O) foi realizado de acordo com as recomendações da análise de solo. O nitrogênio (40 kg/ha) foi parcelado (1/2 20 dias após semeadura e 1/2 8 dias depois de cada corte, em cobertura). E, 1979, a produção total de matéria seca (M.S.) não foi influenciada pelas quatro épocas de plantio, cuja média foi de 3.133 kg/ha e nem pelas épocas de corte. Entretanto, considerando apenas o 1º corte, os plantios realizados a partir de 15.05 (1.656 kg/ha de M.S.) foram superiores ao de 15.04 (899,67 kg/ha de M.S.) e a colheita aos 75 dias (1.670,33 kg/ha de M.S.) foi superior apenas à de 45 dias (942 kg/ha de M.S.). Em 1980, o melhor rendimento de M.S. foi obtido com o plantio de 15.05 (3.707 kg/ha de M.S.) associado ao 1º corte aos 60 dias (2.706 kg/ha de M.S.). Esta combinação (épocas de plantio e de colheita, proporcionou a realização de 4 cortes em ambos anos. Os resultados dos dois experimentos evidenciaram que, para as condições do Sul do Estado, a melhor época de plantio para aveia forrageira se situa em meados de maio (2ª e 3ª semana) com a 1ª colheita sendo realizada 60 dias após semeadura.

¹Pesquisadores da EMCAPA.

318 VARIACÃO DA DIETA DE BOVINOS EM VEGETAÇÃO DE CAATINGA SOB DIFERENTES TAXAS DE LOTAÇÃO

JOSÉ GIVALDO GOES SOARES

A determinação da composição botânica da dieta dos animais de pastejo, é de fundamental importância para um adequado manejo a utilização da forragem disponível nas pastagens nativas. Na região do Sub-Médio São Francisco, em Petrolina-PE, está sendo conduzido um experimento, iniciado em junho de 1981, com o objetivo de se determinar a variação na composição botânica da dieta de bovinos numa área de caatinga predominantemente do tipo arbustivo-arbórea, sob três diferentes taxas de lotação. A identificação dos componentes da dieta está sendo feita pelo método de análise microhistológica de fezes. Em toda a área experimental foram coletadas amostras das espécies vegetais para o preparo do material de referência, e, mensalmente amostras de fezes são coletadas em cada piquete. Durante os primeiros sete meses estudados, nos piquetes de lotação leve (20 ha/U.A.) as espécies constituíram 94% da dieta dos animais, a qual foi composta de 48% de arbustos e 46% de ervas. Nos piquetes de lotação moderada (15 ha/U.A.), também 33 espécies contribuíram para 96% da dieta dos animais, sendo 47% arbustos e 49% ervas. Nos piquetes de lotação pesada (10 ha/U.A.) 35 espécies contribuíram para 95% da dieta dos animais, da qual 50% foi representada por arbustos e 45% por ervas. Em todos os piquetes, os arbustos mais consistentemente selecionados pelos animais neste período de pastejo foram: jurema preta (*Mimosahostilis* Benth.), imbirá vermelha (*Melochia tomentosa* L.), tripa de galinha (*Jacquemontia* spp.) e budim (*Solanum* spp.). As principais espécies selecionadas pelos animais no estrato herbáceo foram: malva de lavar prato (*Bogenhardia nemoralis* A. Juss.), malva canela de urubú (*Sida galheirensis* Ulbr.), malva grossa (*Sida cordifolia* L.), maracujá do estalo (*Passiflora foetida* L.) e orelha de onça (*Phaseolus martii* Benth.). Apesar da característica arbustivo-arbórea da vegetação componente da área em estudo, houve uma contribuição bastante expressiva das espécies do estrato herbáceo na composição da dieta dos animais em todos os piquetes, chegando mesmo a superar as espécies arbustivas no período de julho a setembro nos piquetes de lotação moderada e pesada. Nestes piquetes contudo, no período mais seco (novembro e dezembro), as espécies arbustivas predomina-

naram na dieta dos animais. Estes resultados sugerem que para um manejo e utilização eficiente deste tipo de pastagem, além da forragem disponível no estrato arbustivo-arbóreo, deverá também ser considerada a do estrato herbáceo, quando nas avaliações da capacidade de suporte.

319 PRODUÇÕES DE GRAMINEAS FORRAGEIRAS SOB CONDIÇÕES DE DEFICIÊNCIA HÍDRICA

MIGUEL A. MORENO RUIZ¹; REGINA C.R. MACHADO¹ E HERMINIA M.F. SOUZA²

Avaliou-se, em condições de campo, o efeito do deficit hídrico sobre a produção de quatro gramíneas forrageiras: *Andropogon gayanus* (capim carimãgua), *Cenchrus ciliaris* (capim buffel c.v.s gayndah e biloela) e *Bracharia humidicola* (Quicúio da Amazônia). Para verificar esse efeito determinou-se, sob deficit hídrico, a produção de matéria seca aos 56, 84, 102 e 120 dias após corte de uniformização. As gramíneas foram submetidas a dois regimes de umidade: seco e úmido. No regime seco as plantas não receberam irrigação. Nas parcelas úmidas do solo foi mantido na capacidade de campo mediante irrigação frequente. A área experimental (7,0 x 12,0 x 2,0 m) foi protegido das chuvas com cobertura de plástico transparente. Avaliou-se, também, a produção da rebrotação após 46 dias de regime seco e depois de irrigação frequente durante 46 dias. A deficiência hídrica reduziu acentuadamente a produção de matéria seca das quatro gramíneas. Observou-se entretanto, que para a umidade do solo próximo ao ponto de murchamento, na profundidade de 40 cm, os capins carimãgua, gayndah e biloela mostraram maior produção nas parcelas secas, em relação ao Quicúio da Amazônia. Para a rebrotação sob seca, apenas o capim carimãgua não mostrou diferença significativa entre parcelas secas e úmidas. Aos 46 dias após irrigação frequente, os capins carimãgua e biloela mostraram diferença significativa ($P > 0.05$) à favor das parcelas que sofreram deficit hídrico. Assim, o capim carimãgua é uma nova alternativa para as áreas de pecuária onde ocorrem

estiagem de mais de 120 dias.

¹CEPLAC-CEPEC; ²EPABA.

320 ALTERNATIVA INICIAL PARA BOVINOS DE CORTE NA REGIÃO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO

NELSON CHAVES FILHO¹; CLÓVIS BARBOSA PIRES¹; VANDERLEI BARRETO LIMA²

A área experimental, totalizando 70 ha, localizou-se na zona fitogeográfica, denominada Agreste Meridional, município de Pedra e dista 282 km do Recife. O experimento foi conduzido durante o período de 1977 a 1981. Para efeito de análise estatística, o delineamento experimental adotado foi o de parcelas subdivididas, com duas repetições. O sistema usado foi o de lotação fixa, com os seguintes tratamentos: A - (*Cenchrus ciliaris* L. cv. gayndah), com lotação de 1,0 animal/ha; B - (*Cenchrus ciliaris* L. cv. gayndah), com lotação de 0,7 animal/ha; C - (*Cenchrus ciliaris* L. cv. gayndah), com lotação de 0,4 animal/ha, e; D - (Pastagem nativa), com lotação de 0,2 animal/ha. O tratamento com capim Buffel, quando comparado com a pastagem nativa, considerando-se a permanência, o uso das pastagens e o ganho de peso progressivo, evidenciou uma significativa diferença em termos de viabilidade econômica. A carga animal adequada, representada em animal/ha/ano, situa-se em 0,7 animal/ha, considerando-se a eficiência no ganho de peso e a disponibilidade de pastagem. A produtividade média (ganho de peso obtido por animal em 12 meses), foi de 177 kg para o capim Buffel com boa persistência das pastagens, próxima da ótima para as condições em que o trabalho foi conduzido. A disponibilidade de forragem variou com a carga animal e com os períodos, apresentando um progressivo decréscimo. Com uma carga de 1,0 animal/ha apareceram sintomas de deterioração das pastagens durante o período experimental, ocasionada pela maior pressão de pastejo. Quanto aos teores de proteína, não houve efeito significativo da carga animal. Considerando-se que os valores são